

humanitas

Vol. XXIII Ž J ; H

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXIII E XXIV



COIMBRA
MCMLXXI-MCMLXXII



PIETRO JANNI — **La cultura di Sparta arcaica.** *Ricerche: II.* «Filologia e critica»: collana diretta da Bruno Gentili (Gruppo di Ricerca per la Lirica Greca e la Metrica Greca e Latina dell'Università di Urbino). Roma, Edizioni dell'Ateneo, 1970. 164 pp.

Enfrenta o cepticismo de muitos leitores um livro que, sem prejuízo da homenagem prestada à genialidade de Milman Parry, «se funda nos tradicionais pressupostos analíticos, distingue no interior dos poemas homéricos os cantos mais originais e os que deles dependem, reconhece por fim imitações e ressonâncias do epos homérico nos poetas líricos mais antigos» (p. 12): mas Janni reclama um pouco de perseverança no exame dos «indícios» a congregar, e que serão fortes não tanto pelo *peso* de cada um deles quanto pelo significado da sua *convergência* (p. 10).

A tese, enunciada desde a primeira página, é a seguinte: «Algumas partes da *Odisseia* (mais exactamente as cenas espartanas da chamada *Telemachia*, isto é, o quarto livro desde o início até cerca do v. 625 e o décimo quinto, igualmente desde o início até cerca do v. 181) chegaram até nós em uma redacção que não só mostra estreitas ligações com a cultura de Esparta, mas nesta cidade deve ter recebido a sua forma actual. É possível reconhecer a mão de um poeta que, guiado por espírito cortesão (ou cívico, se preferirmos), teve de qualquer modo o propósito de celebrar Esparta e o seu passado mítico, e porventura credenciar pretensões políticas e dinásticas. Este ignoto poeta operou no século VII, com certa probabilidade na época que precedeu imediatamente a de Alcman e de Tirteu.» (p. 9).

A reconsideração do problema da *Telemachia*, entendida como vistosa moldura da *Odisseia* propriamente dita, e o seu confronto com uma parte «autêntica» do poema, a *Phaiakis*, revelam que o autor dos *τὰ ἐν Λακεδαίμονι* procurou ligar-se à matéria épica principal através de uma rede de acenos e referências que recobre de perto, com paralelismos não raro impressionantes, o esquema do modelo aproveitado. O encarniçamento das propostas de atetese é prova de que estamos em presença de um texto falto de inventiva, muitas vezes desligado e cheio de episódios supérfluos ou singulares.

Quando se começa a entrever, «no crepúsculo da história, uma helénica mãe-pátria rica de cantos épicos procedentes *recta uia* dos que antiquíssimos aedos haviam a princípio entoado nas cortes da época micénica, e largamente independentes, na língua e nos temas, dos que haviam criado, na base de uma comum herança, os seus colegas de além-Egeu» (p. 11), não há inverosimilhança em admitir que, já na segunda metade do século VII — quando Esparta era das cidades literária e artisticamente mais evoluídas da Grécia — se encontrasse em bom andamento o processo que levou ao triunfo dos poemas homéricos (pp. 51-52). Metodologicamente errado seria considerar com olhos diversos a «tradição de Pisístrato» e a «lenda de Licurgo», somente porque esta teve a pouca sorte de ser ligada a personagens que, com razão ou sem ela, a crítica moderna reputa algo fabulosas: na realidade, «uma sólida

tradição antiga atribuía a Esparta arcaica um conhecimento precoce do epos, adquirido através de relações com os Gregos da Ásia» (p. 59).

Tirteu e Álcman — os únicos poetas espartanos que têm para nós alguma consistência — estão, se atendermos à exiguidade dos fragmentos subsistentes, bem providos de exemplos de ressonâncias homéricas. Ora é interessante verificar, para Álcman, que seis fragmentos (70, 81, 82, 84, 85, 86 Page) apresentam expressões claramente tomadas da *Phaiakis* (a tal ponto que Bergk pôde pensar num «Phaiaker-Kleinepos», em que o poeta espartano houvesse tratado o episódio de Nausicaa); e, para Tirteu, que o frg. 10 se inspira nitidamente na *Tichomachia*. Mais ainda: tanto em Álcman como em Tirteu se encontram reminiscências dos *mesmos* trechos dos poemas homéricos (*M* e *I'*), o que «permite demonstrar a celebridade em Esparta, não genericamente da poesia épica, mas de vastas parcelas da *Iliada*, que deviam ser substancialmente idênticas às que ainda hoje podemos ler» (p. 73). Por outro lado, a minuciosa descrição pausaniana (3. 18) do *θρόνος* de Apolo em Amiclas (construído cerca de 550 a.C.) dá-nos a certeza de que, neste monumento insigne da arte lacónica, se encontravam representadas cenas odisséicas — precisamente dos cantos que Janni reconhecera como mais célebres em Esparta: da *Phaiakis* (Demódoco a recitar na corte de Alcínoo), modelo de Álcman e do autor de δ , e do próprio δ (vaticínio de Proteu a Menelau) (pp. 77-78).

À objecção corrente, reexumada por Merkelbach, de que o poeta da *Telemachia* não deve ser peloponesíaco, pois faz viajar tranquilamente, de carro, Pisítrato e Telémaco, pela estrada de Feras a Esparta, sem se preocupar com o formidável obstáculo do Taigeto — poderia contrapor-se (caso fosse obrigatório exigir constantemente realismo geográfico aos poetas) a defesa que desse itinerário fez Dörpfeld (com o aplauso de Cauér, Bölte, Leaf e Meyer)¹. Mas «*toda* a viagem dos dois jovens príncipes é em si mesma inverosímil, como certas cavalgadas dos heróis carolíngios por lugares decididamente impérvios» (p. 98). De resto, a parte que Janni considera «nascida ou, pelo menos, profundamente reelaborada em Esparta começa em δ 1, isto é, depois do pretensu, fatal erro de geografia: do qual é responsável, quando muito, o autor de γ , isto é, o poeta que teve a fecunda ideia de ligar, à acção principal da *Odisseia*, como cómoda moldura para atraentes episódios, a viagem de Telémaco» (p. 99).

Estesícoro², Simónides e Píndaro³ haviam colocado na Lacedemónia o reino de Agamémnon. O mesmo implicitamente fizera o autor da *Telemachia* ao vati-

¹ Note-se, aliás, que o autor da *Telemachia* usa *κοίλη* para designar Lacedémon, o que «sugere obviamente a posição de Esparta entre as duas cadeias paralelas do Párnon e do Taigeto» (p. 98; cf. também n. 22).

² O poeta de Hímera — que, no frg. 32 Page, apresenta a cena de despedida entre Telémaco e os seus hóspedes lacedemónios — foi caloroso assertor das pretensões espartanas: a sua famosa palinódia «apropria-se a Esparta e a quase nenhum outro lugar do mundo grego» (Bowra); e em Esparta, não em Micenas, decorria a acção da sua *Oresteia*.

³ Em *Nem.* 8. 12 fala dos Pelópidas de Esparta; em *Pyth.* 11. 16 (cf. também *Nem.* 11. 34) considera Orestes um lacónio.

cinar, pela boca de Proteu, o νόστος de Agamémnon: o herói terá realmente de dobrar o cabo Málea, na extremidade sudeste do Peloponeso, para atingir os seus domínios (δ 514-515)⁴. Recorde-se, além disso, que, segundo Heródoto (1. 67-68), os Espartanos roubaram e transportaram de Tégea para Lacedémon o corpo de Orestes, a fim de assegurarem a vitória desta cidade sobre os seus inimigos. É nítido o esforço «para acolher as tradições aqueias, identificar o próprio passado lendário com um outro bem mais ilustre e tão celebrado na poesia» (p. 107). A *Iliada*, que se constituíra no respeito de uma rígida unidade de lugar, prestava-se mal a certos enriquecimentos interesseiros — que os ciclos «itinerantes» da *Odisseia*, ao invés, facilitavam. Ulisses foi herói tão popular em Esparta⁵ quanto mal visto em Atenas. Em δ e ο, as desventuras conjugais de Menelau e Helena são quase ignoradas; Menelau está destinado à beatitude, e Helena, maga e profetisa, assume — como em nenhum outro lugar dos poemas homéricos — o carácter heróico e divino que jamais perdeu em Esparta (p. 118).

Em tentativa, necessariamente problemática e provisória, de reconstrução, Janni supõe que, na época imediatamente anterior à de Álcman, um poeta épico que operou em Esparta — hábil, ainda que modesto — decidiu, para secundar os gostos do público ou as aspirações dos seus protectores, dar nova dignidade poética às versões locais e trasladar para a matéria épica crenças e cultos espartanos. A *Telemachia* oferecia-lhe o terreno ideal para operar. Como bom rapsodo, não hesitou em deitar a mão a quanto de bom encontrava na produção épica do seu tempo; e, para conformar a parte nova de sua criação, valeu-se de reminiscências da *Phaiakis*. Assim, «Esparta fazia o seu ingresso no mundo do epos, e não se mostrava disposta a renunciar a tão vistoso brasão de nobreza» (p. 125).

Janni tem o cuidado de acentuar que está bem longe de supor uma «redacção espartana» da *Odisseia*: entende apenas que, na redacção prevalecte do poema, se não pôde ignorar o *contributo espartano* para o ciclo épico (p. 126). E quando se pensa que, com muito menor soma de argumentos, se tem reconhecido a intervenção de outras partes do mundo helénico (Beócia, Rodes, Cólofon, por ex.) ou de certas casas poderosas (os Enéadas) — não se vê porque recusar a Esparta o direito «de ser considerada um possível factor de história da cultura, apto a influenciar o devir dos poemas homéricos» (p. 153).

A redacção de Janni é límpida e atraente, mas a construtura do livro parece-nos sinuosa e algumas vezes redundante. Cremos que este ensaio ganharia em ser reescrito com uma arrumação (nos excursos de fundo, na utilização dos líricos) em parte diferente e o arrefecimento de alguns ardores polémicos que destoam da habitual equanimidade do autor. Também se afiguram dispensáveis, em livro de cento e vinte páginas «líquidas», despertativas amiudadas ao leitor e um «riepilogo» a pouca distância da «conclusiones».

⁴ Na *Iliada* (I 149-153), estão à volta do golfo da Messénia todas as cidades que oferece Agamémnon para aplacar a cólera de Aquiles.

⁵ Onde lhe foram erigidas estátuas e onde Cinéton terá composto uma *Telegonia*, aproveitada, em um poema homónimo, pelo cireneu Eugámon.

É provável que a demonstração do jovem investigador italiano seja contestada: e não faltarão os argumentos de natureza subjectiva (a que infelizmente se presta o caso de Esparta). Mas também pode acontecer — a previsão é do autor (p. 9) — que, nem rejeitada nem esquecida, a tese seja apenas considerada «pouco nova, consequência quase automática da simples aproximação de resultados já atingidos por outros, pressentimento arriscado (sabe-se lá) mais de uma vez» ... Uma forma larvada de injustiça que Janni não merece.

WALTER DE SOUSA MEDEIROS

MARIA GRAZIA BONANNO — *Studi su Cratete comico. «Προόφωνες»*: Collezione di studi e testi a cura di Carlo Diano (Università di Padova: Istituto di Filologia Greca). Studi: 11. Padova, Editrice Antenore, 1972. 196 pp.

Em um passo, mal interpretado pela maioria dos estudiosos¹, da parábase de *Os cavaleiros* (537-540), Aristófanes contrapõe à inspiração diluvial e... báquica de Cratino a boca «irremediavelmente sóbria» (*καμβότατος* 'cem por cento couve'²) de Crates, vítima de algumas desfeitas do público ateniense, a quem pouco seduziriam as *αστειόταται* (novo superlativo irónico) *ἐπίνοιαι* de tão asséptica personagem. E noutros lugares (*Vesp.* 1177-1180, *Eccl.* 76-81, frg. 333 Kock ex *Thesm.* β') critica o teatro de evasão de Crates, o seu desgarre dos eventos concretos e humanos, o desengajamento (como hoje se diria) de um comediógrafo que se contenta com atirar manança aos animais. Muito positivo, pelo contrário, se apresenta o juízo de Aristóteles (*Poet.* 5. 1449b 6), que recorda este poeta da *ἀρχαία* por ter sido o primeiro que renunciou à *λαμβική ιδέα* e construiu peças de entredo mais genérico nos discursos e na acção. O Estagirita alude também à ligação de Crates com a comédia siceliota. Valia a pena, por conseguinte, já que os historiadores da literatura liquidam este autor em poucas linhas, traçar o seu perfil histórico-literário e fazer uma revisão dos problemas textuais e exegéticos dos seus fragmentos. Tal foi o duplo objectivo de Maria Grazia Bonanno («premissa», p. 9).

Assim, a primeira das duas partes do trabalho intitula-se *Cratete nella commedia antica*. Evitando perder-se em conjecturas — que nem a penúria das informações dos antigos (19 testemunhos, todos diminutos) nem a escassez dos fragmentos conservados (54, contando só os autênticos³, o maior dos quais com dez versos)

¹ Como demonstra Maria Grazia Bonanno, pp. 36-41.

² A este vegetal atribuíam os antigos um valor profiláctico e curativo da embriaguez. A própria vinha se daria mal na vizinhança dos couvais.

³ Acrescem 9 *ἀμφισβητήσιμα* e 11 *ψευδεπίγραφα*.